

DE IRA DE SÊNECA E A DISCUSSÃO SOBRE A RAIVA

Marcos Vinícios Pereira de Almeida¹

Rafael Rodrigues Pereira²

RESUMO

Neste trabalho pretendemos fazer uma abordagem das implicações éticas e sociais da raiva no De Ira de Sêneca. Neste diálogo, Sêneca faz uma análise de carácter terapêutico destinado ao seu irmão Lúcio Júnio Gálio Aniano Novato, um homem público romano preocupado com os problemas característicos de sua época, que envolvem política, força militar, segurança e dignidade humana. A obra é dividida em três livros, onde Sêneca vai inserir de forma gradual – e não-sistemática - as premissas estoicas do processo terapêutico, como por exemplo, a inutilidade dos indiferentes. O objetivo aqui é discutir com o interlocutor que parte de posições semelhantes às de Aristóteles e Teofrasto acerca da raiva, a saber, a possibilidade de moderação ou instrumentalização dela mesma, já que Novato está convencido que a raiva é importante para a vida política e militar. Portanto, esse artigo passa por uma caracterização teórica da emoção, uma exposição dos problemas da raiva e estratégias terapêuticas de extirpação da mesma.

Palavras-chave: Raiva. Ética. Estoicismo. Virtude. Natureza.

ABSTRACT

In this work, we intend to approach the ethical and social promotions of anger in De Ira de Seneca. In this dialogue, Seneca brings a therapeutic analysis for his brother Lucio Junio Galio Aniano Novato, a Roman public man concerned with the characteristic problems of his time, which involve politics, military strength, security, and human dignity. The work is divided into three books, where Seneca will insert gradually - and non-systematically - stoic premises in the therapeutic process, such as the uselessness of the indifferent. The objective here is to discuss with the interlocutor which part of regards to Aristotle and Theophrastus is right about anger, namely, a possibility of moderation, or instrumentalization of it since Novato is convinced that anger is important for political and military life. Thus, our course goes through a theoretical characterization of the emotion, an exposition of the problems of the anger, and therapeutic strategies of its removal.

Keywords: Anger. Ethics. Stoicism. Virtue. Nature.

¹ Bacharel em filosofia pela Universidade Federal de Goiás e mestrando no PPG de Filosofia da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: mvsrezende@gmail.com. ORCID: [0000-0001-6696-3473](https://orcid.org/0000-0001-6696-3473).

² Doutor em Filosofia. Professor adjunto do departamento de filosofia da UFG.

E-mail: rafaelrp@ufg.br. ORCID: [0000-0003-2361-506X](https://orcid.org/0000-0003-2361-506X).

Introdução

De Ira de Sêneca é um ensaio de carácter terapêutico destinado ao seu irmão Lúcio Júnio Gálio Aniano, ou Novato, um homem público romano preocupado com os problemas característicos de sua época; que envolvem política, força militar, segurança e dignidade humana. A obra é dividida em três livros, onde Sêneca vai inserir de forma gradual – e não-sistemática – as premissas estoicas no processo terapêutico, como por exemplo, a doutrina estoica dos indiferentes. O objetivo aqui é discutir a partir do Livro I, onde o interlocutor aparece com posições semelhantes a de Aristóteles e Teofrasto acerca da raiva, a saber, a possibilidade de moderação ou instrumentalização da mesma, já que Gálio está convencido que a ira é importante para a vida política e militar romana. Portanto, o interlocutor mostra resistência em suas posições peripatéticas acerca da raiva e por isso mesmo suas intervenções são heterogêneas; ora espontâneas, ora como objeções, assim como as dúvidas e os problemas que surgem para o leitor que lê o ensaio. Ao contrário de rebater o interlocutor com argumentos lógicos, Sêneca vai - impulsionado pela resistência do interlocutor em suas posições - trazer um argumento terapêutico para tratar o problema da raiva no interior de Gálio. Em outras palavras, Sêneca vai levar o interlocutor a terapia com delicadeza mostrando pontos de convergência entre ele e Aristóteles; tais como a definição de raiva e a tendência natural a bondade dos seres humanos. E por fim, se posicionando reflexivamente contra a utilidade da raiva, defendendo sua extirpação da alma e da vida pública.

A caracterização da raiva feita por Sêneca

Para Sêneca, raiva é a pior das paixões porque se mostra. Outras paixões tais como o medo e a luxúria também se mostram, no entanto, a raiva é proeminente. Essa é talvez a diferença fundamental entre a raiva e outras paixões. No começo do Tratado, no livro I, Sêneca disserta sobre essa diferença³.

³ “Nenhum animal é tão horrendo e tão perigoso por natureza que nele não fique aparente, logo que a ira o tenha invadido, o acréscimo de renovada ferocidade. Não ignoro que também as demais paixões são dificilmente ocultadas; que a luxúria, o medo e a audácia dão sinais de si e podem ser pressentidos. De fato, nenhuma agitação mais veemente nos penetra sem nada provocar no rosto. Que diferença há, então? É que as outras paixões ficam apa-

É nesse sentido que Sêneca faz uma descrição física da raiva nos seres humanos no livro I, pois além desse sentimento ser proeminente, uma de suas características também é a aparência e as expressões corporais⁴. A raiva, para Sêneca, também é algo que nasce onde a razão tem lugar, no homem, apesar da incompatibilidade; enquanto que os outros animais têm impulsos de agressividade, que simula um comportamento iracundo, mas carecem de paixões próprias dos corações humanos (SÊNECA, *De Ira*, 1.4.5)⁵. Nisso ele também está de acordo com a ideia aristotélica do papel cognitivo das emoções, a saber, que a raiva não é um impulso cego involuntário, mas fruto de um julgamento de intenções.

Segundo Inwood, no *De Ira* ocorre um desenvolvimento da doutrina estoica das emoções a partir das percepções de Sêneca, ou seja, neste diálogo há uma abordagem das emoções caracteristicamente senequiana. Sêneca tem como ponto de partida as premissas estoicas clássicas (e aristotélicas), mas também modifica de forma aberta e inova a doutrina, sem deixar de chegar a conclusões estoicas⁶. Tanto Sêneca, quanto os estoicos anteriores a ele (Crísipo, por exemplo), a característica principal das paixões é o seu carácter cognitivo, a saber, que as emoções são um tipo de juízo e, portanto, por esse mesmo motivo estão sujeitas a extirpação (INWOOD, 2005, p. 43).

rentes; esta fica proeminente “(SÊNECA, *De Ira*, 1.6.7).

⁴ “[...] seus olhos inflamam e cintilam, é intenso o rubor por todo o rosto, devido ao sangue que lhes ferve desde o fundo do peito, os lábios tremem, e cerram-se os dentes, arrepiam-se e eriçam-se os cabelos, a respiração intensa e estridente, o estalido dos dedos retorcendo-se, os gemidos e mugidos, a fala abrupta, com palavras pouco claras, e as mãos que a todo tempo se entrechocam, e os pés a baterem no chão, e o corpo todo convulso e lançando avultantes ameaças de ira, a face de aspecto disforme e horrendo dos que se desfiguram e intumescem. Não se sabe se é mais detestável ou mais deformante esse vício” (SÊNECA, *De Ira*, 1.1.4).

⁵ Brad Inwood em *Reading Seneca*, nos diz que essa passagem é um traço característico do estoicismo ortodoxo, a saber: “Em 1.3.3-8, uma tese essencial estoica é mantida: a brecha entre animais brutos e animais racionais que é feita parte da explicação da teoria das emoções estoica. Na compreensão raiva, Sêneca sustenta que é preciso lembrar que apenas os humanos podem ter essa paixão; qualquer tendência para dizer que a raiva pode ser um sentimento útil em pequenas doses, ou que é “inerradicável” parte da nossa natureza animal e, portanto, não estão sujeitos a estrita avaliação moral, deve ser rejeitada. O que os animais têm não é raiva; a raiva só pode ser entendida como uma expressão da razão. Esta é uma posição teórica crucial para Sêneca, pois ela une raiva às atividades da razão; assim como qualquer fenômeno que ocorre em um animal não racional não pode ser raiva (sobre estas bases teóricas fundamentais), também qualquer fenômeno independente da razão, mesmo em um animal racional, não pode ser realmente raiva. Quando Sêneca especificar mais critérios para determinar o que é sujeito à razão e uma pessoa, ele terá uma base para distinguir entre raiva e pseudo-raiva” (INWOOD, 2005, p. 47, tradução nossa).

⁶ Há autores, como a Janine Fillion-Lahille em *Le De ira de Sénèque et la philosophie stoïcienne des passions*, que defender um “ecletismo” no pensamento de Sêneca neste diálogo, mas iremos expor esse debate neste trabalho.

Sêneca usa a mesma comparação que Crisipo para mostrar que não temos controle sobre a emoção caso ela passe pelo nosso *assentimento* (*sunkata-thesis*): a imagem de uma pessoa que cai em uma emoção como a raiva e um corpo que perde o controle físico, já está em Crisipo. A ideia desse argumento é a de se contrapor à noção de um uso instrumental da raiva. Para o filósofo de Andaluzia, e também para os filósofos “ortodoxos” da *Stoa*, a virtude (*aretê*) é *suficiente*⁷.

Ademais, o interlocutor assume o medo da raiva e busca Sêneca para aprender a moderá-la. Parte do processo terapêutico que Sêneca faz com o interlocutor é mostrar a compatibilidade entre a definição aristotélica da raiva e a sua, a saber, “o desejo de devolver uma dor”⁸. O interesse de Sêneca partir da definição aristotélica de ira – que explicamos no capítulo anterior –, é o interesse de partir de um lugar comum⁹, pois seu irmão, Novato, é um homem público romano com intuições semelhantes a dos peripatéticos; como por exemplo, a ideia de uso moderado da raiva ou das emoções, e isso fica claro nas menções a Aristóteles e Teofrasto no livro.

Sêneca, enquanto estoico, tem uma visão *monista* da alma (*anima*), apesar da sua forma literária deixar transparecer um “dualismo” por causa das externalizações que faz da emoção (*pathê*) em imagens ou metáforas¹⁰. Ao contrário de uma visão dualista da alma, Inwood nos diz que a visão de Sêneca é de autoridade da razão em relação ao inimigo externo (emoções). O que ele quer expressar é uma posição estoica clássica, de que nossa razão

⁷ A compreensão da virtude como *suficiente* para a *eudaimonia* ou bem-estar, é o que podemos listar como base do estoicismo, como alude o Prof. Rafael: “Muitos autores – por exemplo, Platão em seus primeiros escritos e os estoicos –, adotam uma tese da *suficiência*, afirmando, assim, que a virtude é necessária e suficiente para uma pessoa ser feliz” (PEREIRA, 2017, p. 38).

⁸ “A definição de Aristóteles não se afasta muito da nossa. Pois ele afirma que a ira é o desejo de devolver uma dor. Encontrar a diferença entre essa definição e a nossa exigiria longa explanação” (SÊNeca, *De Ira*, 1.1-3).

⁹ Esse partir de “um lugar comum” é próprio da forma literária que Sêneca trabalha, como observa Brad Inwood (2005), em algumas cartas e livros Sêneca parte de posições comuns, ou “uma base acordada” para a discussão, um ponto de partida para a discussão que Sêneca usa para chegar a conclusões estoicas. Portanto, um movimento meramente dialético ou didático.

¹⁰ Inwood sobre a instabilidade da raiva enquanto instrumento e a metáfora da catapulta de Sêneca que acabamos de citar: “[...] a catapulta é usada como uma ilustração do uso apropriadamente controlado do propensão da alma à ação (ímpeto): a catapulta é efetivamente usada apenas porque o artilheiro encarregado de fazer a decisão sobre quanta força deve ser usada no lançamento do míssil. O poder motivador da alma que está sob o controle racional não é a raiva, uma paixão que é, por definição, desobediente para raciocinar” (INWOOD, 2005, p. 51, tradução nossa).

é una, e a paixão entra na cidadela da alma na medida em que aceitamos através do *assentimento* (*sunkatathesis*). Ele não diz que nossa razão é substituída, mas sim corrompida pela emoção – pela raiva (INWOOD, 2005, p49). Logo, em vez de ser uma leitura de substituição da razão, de divisão da alma, trata-se, na verdade, de uma ideia de mal uso da razão. Em outras palavras, é um julgamento, um *assentimento* da aparência, como Nussbaum nos alude em seu exemplo¹¹.

Nussbaum descreve a análise antiga estoica das emoções, da qual Sêneca parte no *De Ira* – sobretudo no primeiro livro. Todavia, como tínhamos mencionado anteriormente, Sêneca já assinala em uma passagem no começo do livro I na qual faz uma diferença entre a ferocidade dos animais e a raiva dos seres humanos¹²; de que os impulsos de ferocidade dos animais é diferente da raiva que afeta os corações dos homens. O que Sêneca adiciona para a teoria estoica das emoções é que, além do papel do *assentimento* (*sunkatathesis*) na origem da ação, há também a voluntariedade que é essencial para o desencadeamento da ação. É nesse sentido que tanto Brad Inwood quanto Rodrigo Braicovich enxergam, *grosso modo*, uma inovação de Sêneca para compreender tanto a teoria das emoções estoicas quanto a teoria da ação¹³.

¹¹ “[...] é um processo que tem dois estágios. Primeiro ocorre que a Nikidion, ou lhe arrebatada, que tal ou tal coisa é o caso. (Aparências são em geral proposicionais para os estoicos). As coisas lhe parecem ser desta maneira, ela as vê assim - mas até agora ainda não as aceitou. Ela agora pode ir mais além e aceitar ou acolher a aparência, se comprometer com ela; neste caso, ela se tornou julgamento [...] Em segundo lugar, as proposições atribuem ao item em questão não apenas algum valor, mas um valor (ou não-valor muito sério e elevado. Crisipo nos diz explicitamente que o erro, e as paixões, nos vêm não apenas quando pensamos que as coisas são boas, mas sim quando as pensamos como muito melhores do que realmente são - as coisas mais importantes, na verdade” (NUSSBAUM, 1994, p. 374-377, tradução nossa).

¹² “Mas deve-se dizer que as feras carecem de ira, bem como todos os seres, exceto o homem. De fato, embora ela seja inimiga da razão, no entanto, em parte algum ela nasce a não ser onde a razão tem lugar. As feras têm impulsos, raiva, ferocidade, agressividade; mas ira, por certo, não têm mais do que luxúria, embora em certos prazeres sejam mais intemperantes que o homem” (SÊNECA, *De Ira*, 1.3.4).

¹³ “O efeito desse deslocamento consiste em banir definitivamente a possibilidade de interpretar a raiva como um fenômeno completamente violento e involuntário, em relação ao qual o indivíduo apareceria em uma posição de passividade absoluta. O fenômeno da raiva constitui, pelo contrário, um evento em que o indivíduo esteja envolvido ativamente, deliberadamente e voluntariamente: longe da ligação trágica entre o thymos e até, a cegueira que caracteriza o complexo fenômeno da raiva corresponde como a raiva apenas uma vez que foi desencadeada na alma, antes que isso aconteça, pelo contrário, o indivíduo deve ter assentido, com os olhos bem abertos, com a impressão de que foi, de um jeito ou de outro, injuriado” (BRAICOVICH, 2015, p. 89, tradução nossa).

Ademais, seguindo o raciocínio de Sebastián, e indo um pouco mais além, para ficar um pouco mais claro, Sêneca segue com a visão tradicional estoica, de que a ação raivosa dependem da aceitação, ou *assentimento*, da razão. No caso da raiva, concordando com Aristóteles, Sêneca compreende que o estímulo da raiva é uma percepção de injúria, essa impressão é assentida voluntariamente (*voluntas*). Segundo Brad Inwood, essa inovação de Sêneca, de trazer o carácter voluntário da emoção na teoria estoica, faz a racionalidade ter um novo sentido (INWOOD, 2005, p. 49).

Nesse ponto Sêneca insere uma teoria estoica do fenômeno da raiva; a) raiva como emoção, um *affectus* da alma; b) o que provoca a raiva é uma impressão externa de quando recebemos uma injúria; c) essa impressão não é suficiente em si mesma para desencadear uma ação raivosa, para que isso aconteça é necessário um *assentimento* da impressão; d) esse *assentimento* da impressão de injúria não é apenas consciente, mas voluntário (BRAICOVICH, 2015, p. 88-89). Portanto, a raiva passa pela nossa própria aprovação, em vez de surgir independentemente da nossa vontade¹⁴.

A modificação da racionalidade estoica feita por Sêneca, ou seu aprimoramento, não se limita apenas a adição da voluntariedade como aspecto determinante da ação raivosa. Por outro lado, Sêneca também aborda outros movimentos, impressões primárias (*propathēiai*); como arrepios, sustos, que são parte fundamental para compreender a voluntariedade e o outro lado, a involuntariedade. Pois, para Sêneca, essas pré-emoções são princípios que prescindem as emoções (SÊNECA, *De Ira*, 2.3.4).

Sêneca compreende que os vícios voluntários da alma (*anima*) podem ser extirpados com aplicação moral, mudança de julgamento ou mudança na crença. Pois, como salientamos anteriormente, os estoicos de forma geral acreditam que paixões são produto de nossa própria razão, do nosso julgamento, e por esse mesmo motivo estão sujeitas a avaliação moral e, conseqüentemente, eliminação. Explicamos também como a teoria estoica procede nesse sentido, desde o estoicismo antigo presente no *De Ira*, onde a emoção é racional no sentido em que é uma aparência proposicional *assenti-*

¹⁴ “Aceitamos que a ira nada ousa por si mesma, mas, sim, com a aprovação da alma, pois tomar a ideia de uma injúria recebida e desejar sua vingança, e juntar uma coisa à outra – que não se deve sofrer agressão e que se deve obter vingança –, isso não é um impulso da alma suscitado sem a nossa vontade” (SÊNECA, *De Ira*, 2.4.5).

da, e em um carácter mais forte desenvolvido por Sêneca; a emoção é racional quando *assentida* não apenas conscientemente, mas voluntariamente.

Assim, Sêneca, a partir do livro 2, nos explica que há "pré-emoções" (*propatheiai*), e que o entendimento dessa classe de impressões é importante para entender a gênese da raiva, pois se a raiva é uma emoção independente da vontade, nunca ela vai se curvar a razão (SÊNECA, *De Ira*, 2.5). De fato, se essas emoções – como a raiva – não são fruto de nossa vontade, então elas se tornam imbatíveis. É nesse sentido que a argumentação estoica que parte de um *monismo* da alma, de um papel cognitivo das emoções e da distinção entre *pathê* e *propatheiai*, surge como parte do projeto terapêutico de extirpação das emoções. Portanto, as pré-emoções devem ser compreendidas como: (i) movimentos involuntários que independem do *assentimento* da razão; (ii) e esses movimentos são diferentes das paixões mesmas (BRAICOVICH, 2015, p. 90).

De acordo com a argumentação de Sêneca fica claro que a teoria das pré-emoções coloca limites para o papel cognitivo das emoções, assim como estabelece as fronteiras da terapia estoica. Além disso, o filósofo de Andaluzia afirma que a voluntariedade (*voluntas*) é a marca crucial da racionalidade, em vez de ser apenas a proposição *assentida* que foi desenvolvida no estoicismo antigo¹⁵. Sêneca desenvolve um novo modelo de racionalidade para o estoicismo romano, sem deixar, claro, de chegar a conclusões apropriadamente estoicas.

Avaliação da raiva na vida e no campo social

Depois de explicar a definição de raiva feita por Sêneca, vamos agora mostrar as implicações e a avaliação que Sêneca fez do fenômeno da raiva na vida individual e na vida pública. Podemos dizer que tratar da raiva individualmente é, para Sêneca, tratar de menos danos para o campo social, principalmente quando estamos falando de figuras públicas. Como foi dito anteriormente, *De Ira* é um trabalho de Sêneca que tem como interlocutor

¹⁵ “Quando o contrastamos com o esquema básico da teoria estóica da ação (impressão-assentimento-ação), a incorporação da doutrina das pré-emoções oferece uma vantagem adicional, especialmente da abordagem proposta por Seneca, na medida em que permite incorporar certas considerações no esquema intelectual fisiológico ligado aos efeitos da composição do material da alma, como a mistura de elementos quentes e úmidos, etc” (BRAICOVICH, 2015, p. 92).

seu irmão, Novato, que foi cônsul e protetor da província de Acaia, um homem preocupado com problemas romanos de seu tempo, e por isso mesmo o diálogo entre os dois tem esse movimento; isto é, mostrar os problemas individuais da raiva e suas consequências para a vida pública.

Por conseguinte, interlocutor não-estoico – Novato – vai até Sêneca afim de entender o que filósofo tem a dizer sobre a raiva. Ele admite ter medo desta emoção e quer saber se há possibilidades de modificá-la¹⁶.

No decorrer do diálogo o interlocutor aparece com várias objeções aos argumentos de Sêneca. Novato é um homem romano não-estoico, ele entende que a raiva é necessária, moderadamente; a saber, a raiva como força motriz da ação heroica ou corajosa. Nussbaum (NUSSBAUM, 1994, p. 407) alude o porquê do carácter terapêutico levado por Sêneca no diálogo, isto é, as crenças de Novato não vão ser facilmente retirados com argumentos. Aristóteles tinha escrito uma coisa muito interessante sobre isso na *Ética a Nicômaco*, e que pode nos servir para explicar o que Nussbaum quis dizer sobre as crenças de Novato na vida real não serem retiradas facilmente por argumentos lógicos: “É impossível, ou não é fácil, alterar por argumento o que há muito tempo é absorvido pelo hábito” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1179b15-20). Em seguida, de acordo com Nussbaum, as objeções do interlocutor impulsionam os argumentos de Sêneca, e isso não surge de forma sistemática, mas espontaneamente ou como resposta aos argumentos de Sêneca¹⁷.

Sêneca mostra ao seu interlocutor que uma pessoa iracunda é uma pessoa propensa a cometer atos de crueldade. Ele (Sêneca) parte da ideia de

¹⁶ “Cobreste de mim, Novato, que eu escrevesse sobre como poderia ser atenuada a ira. E não é sem motivo que me parece que tenhas um particular temor dessa paixão, de as mais terríveis e violentas. De fato, nas outras existe certo grau de calma e placidez; essa é plena de excitação e ímpeto, enfurecida por uma ânsia desumana de dor, ela arroja seus próprios dardos e é ávida por uma vingança que há de arrastar consigo o vingador” (SÊNECA, *De Ira*, 1.1).

¹⁷ “Como mostram os exemplos que dei, às vezes surge espontaneamente e às vezes em resposta ao que Sêneca diz - de forma tumultuada e multiforme, derramando seus objetivos repetidos e heterogêneos. A tarefa de Sêneca é, em primeiro lugar, extrair e depois lidar com essa resistência - que pode ser esperada no leitor também, da mesma maneira. Um argumento lógico elegantemente ordenado não realizaria essa tarefa. O argumento deve seguir os estímulos heterogêneos do coração do interlocutor, e deve se repetir tão obsessivamente quanto a própria resistência, apresentando exemplo após exemplo, mesmo depois que o primeiro argumento sobre um determinado ponto foi afirmado com sucesso, respondendo a cada pergunta ansiosa com aptidão psicológica e, desse modo, forçando a lição estática para dentro das profundezas da alma do interlocutor” (NUSSBAUM, 1994, p. 407, tradução nossa).

que a raiva é estranha a nossa natureza, que o homem está inclinado a bondade naturalmente. Ou seja, o ser humano é inclinado a sociabilidade naturalmente, em oposição a hostilidade¹⁸. Fica claro que Sêneca descreve e entende a manifestação da raiva como algo produzido pelas circunstâncias, algo exterior, produto daquilo que aprendemos a acreditar e julgar, como foi explicado anteriormente na exposição teórica da raiva. Assim, temos aqui teses estoicas como pano de fundo: o naturalismo – a moralidade como fenômeno natural¹⁹.

Para responder as questões de Novato sobre a necessidade da raiva na guerra, na vida pública, como: "Seremos menos desprezados se vingarmos um erro" (SÊNeca, *De Ira*, 2.33), Sêneca parte da ideia estoica de *suficiência* da razão e se apoia em vários exemplos hiperbólicos da história política de Roma para mostrar ao interlocutor a instabilidade no uso da raiva e da superioridade da razão na vida pública. A imagem do copeiro de Védio²⁰ e a resposta de Augusto para ilustrar os extremos que a ira pode levar o homem em contextos sociais, assim como a história de Calígula²¹, formam

¹⁸ Em uma passagem retórica Sêneca responde essa objeção: “Se é ou não de acordo com a natureza será evidente, se examinarmos o ser humano. O que é mais gentil do que o ser humano, quanto ele está em um estado mental correto? Mas o que é mais cruel que a raiva? O que é mais amoroso para os outros que o ser humano? O que é mais hostil do que a raiva? O ser humano nasce para ajuda mútua, a raiva pela destruição; um quer juntar, o outro despedaçar, um quer ajudar, o outro ferir, aquele vem socorrer até estranhos, o outro atacar até os mais próximos e queridos; um está pronto para gastar-se para o bem-estar dos outros, o outro para mergulhar no perigo, desde que possa arrastar os outros” (SÊNeca, *De Ira*, 1.5.2).

¹⁹ “A ética estoica tem a originalidade de ser radicalmente naturalista, e pode-se-ia dizer que ela considera a moralidade um fenômeno natural [...] os estoicos, mais que qualquer outra escola, querem afirmar o valor absoluto e incondicional da moralidade. Assim, eles parece defender duas posições radicais, que costumamos comparar: uma naturalização da moralidade e sua conexão ideal ou rigorista” (BÉNATOUÏL, 2013, p. 117).

²⁰ “Reprender uma pessoa irada, e ademais irritar-se com ela, é incitá-la. Tu a abordarás de forma flexível e branda, a menos que fores um personagem suficientemente importante para coibir sua ira, como o fez o divino Augusto quando jantava na casa de Védio Polião. Um dos escravos deste quebrara um vaso de cristal. Védio mandou que o agarrassem para sofrer uma morte bem pouco usual: a ordem era lançá-lo às moreias que ele mantinha, enormes, em um viveiro. Quem não teria pensado que ele o fazia por extravagância? Era crueldade. Escapou, o jovem escravo, das mãos que o prendiam e refugiou-se aos pés de César, na intenção de nada mais lhe pedir senão que morresse de outra forma, que não servisse de repasto. César sentiu-se tocado pelo teor inédito da crueldade e ordenou que no mesmo instante ele fosse libertado e que, em contrapartida, na sua frente fossem quebrados todos os vasos de cristal e, com eles, se enchesse o viveiro” (SÊNeca, *De Ira*, 3.39).

²¹ “Seria longo acrescentar que também os pais dos mortos, na mesma noite, executaram, enviando centuriões a suas casas. Pois, como homem compassivo, livrou-os do luto. Não é, pois, meu propósito descrever a crueldade de Calígula, mas da ira que se atia não apenas contra um indivíduo, mas despedaça nações inteiras, que flagela cidades e rios e coisas imunes a toda sensação de dor” (SÊNeca, *De Ira*, 3.19.5)

imagens reais dos efeitos políticos dessa paixão. Nussbaum nomeia esse argumento de Sêneca, que parte da noção estoica de *suficiência* da virtude, de "argumento do excesso", para responder as objeções de Novato, objeções essas que estão ancoradas em intuições sobre a necessidade de moderação da raiva: "Mas a ira não é necessária contra o inimigo?" (SÊNECA, *De Ira*, 1.11). "Útil, alega-se, é a ira, porque nos torna mais combativos" (SÊNECA, *De Ira*, 1.13.3). Ademais, a raiva é uma arma instável, confiar na ação motivada pela raiva é ser no mínimo irresponsável, esse é o argumento do excesso usado por Sêneca para responder Novato.

Sêneca responde que as motivações fornecidas pela raiva não são necessárias, a virtude é suficiente na guerra, na defesa de si próprio e mesmo na punição aos ofensores. Portanto, as diferenças entre uma pessoa irada e uma não-irada são dadas por Sêneca nos seus exemplos da história de Roma; desde a calma de Augusto, a sabedoria de Cipião no cerco de Numância, a clemência de Júlio César, assim como os excessos de Calígula e a raiva de Alexandre (SÊNECA, *De Ira*, 3.17). Segundo Nussbaum, o argumento de Sêneca é que a pessoa não-raivosa pode ter os mesmos motivos que a pessoa raivosa para aplicar, por exemplo, punição ao ofensor²². Deste modo, a diferença entre uma pessoa não-raivosa e raivosa parece ser não-cognitiva, já que ambas tem as mesmas razões. Esse é um problema, pois a raiva, e as emoções de forma geral, se formam a partir de um julgamento; o ímpeto da emoção é fruto de um julgamento de intenções, como explicamos nos capítulos anteriores. Então, a diferença entre essas duas pessoas tem que ser uma diferença no julgamento (NUSSBAUM, 1994, p. 420). Qual, afinal, é essa diferença? Para responder essa questão é importante ler uma passagem importante do diálogo em que o interlocutor aparece com essas objeções²³.

²² "Deve-se, então, corrigir quem erra, seja pela advertência, seja pela força, seja branda, seja asperamente, e ele deve tornar-se melhor tanto para si quanto para os outros, não sem castigo, mas sem ira. Quem de fato se enfurece contra aquele a quem se está medicando? Mas eles não podem ser corrigidos e não há neles nada de afável ou promissor: que sejam então tirados do convívio social os que hão de piorar tudo com que travam contato e deixem de ser nocivos da única maneira que podem, mas isso sem ódio" (SÊNECA, *De Ira*, 1.15).

²³ "O que então?", objeta-se, "um homem virtuoso não se enche de raiva se viu o próprio pai ser assassinado, a mãe ser raptada?" Não ficará irado, mas irá vingá-los, irá defendê-los. E temes o quê? Que o amor filial, mesmo sem ira, seja para ele um estímulo pouco intenso? Ou da mesma forma deves questionar: "Como, então? Quando vir ser morto seu pai ou seu

Neste exemplo, Sêneca mostra um caso peculiar onde uma pessoa sofre uma determinada dor, e em seguida essa dor vai gerar um desejo de vingança que vai deliberar a ação raivosa. Esse mesmo exemplo está de acordo com a definição de raiva que estamos trabalhando desde o começo (tanto em Aristóteles quanto no estoicismo de Sêneca). Neste caso, vemos o julgamento de uma pessoa raivosa, todavia, como coloca Nussbaum, Sêneca não deixou claro qual é o julgamento formulado por uma pessoa não-raivosa, e, portanto, a diferença entre os dois julgamentos (NUSSBAUM, 1994, p. 414). Responder essa pergunta, é essencial para o interlocutor compreender qual a importância da ação do sábio estoico em casos extremos e decisivos. Se um pessoa sofre um dano como este, de perder o pai assassinado, qual será a reação apropriadamente estoica?

Neste caso, Novato espera que Sêneca leve em consideração alguns itens, como amizade, família e entre outras coisas, pois só assim o interlocutor vai ser convencido, já que é um homem romano preocupado com lealdade, coragem etc. Mas, em uma abordagem estoica, as coisas externas – indiferentes, *adiaphora* – não tem valor (*axia*) em si mesmo, há um valor só na medida em que são preferíveis em determinadas situações; a saber, esse valor deve ser bem localizado e limitado, mas ele não é necessário para a *eudaimonia*, a boa-vida independe dos itens externos, por isso mesmo não há motivos para lamentar ou ser afetado por danos externos, pois o uso com os itens indiferentes não é comparado com o valor da *virtude*. De acordo com Nussbaum, a resposta de Sêneca para esse problema – a diferença entre o julgamento de uma raivosa e não-raivosa – é a partir daquilo que ela chama de “*analogia médica*”, a saber, Sêneca se utiliza da analogia médica para mostrar o sentido de um estoico executar punições ou mesmo acreditar nelas; um bom homem estoico está preocupado com os seus concidadãos na mesma medida que um médico se preocupa com seus pacientes ou um legislador se preocupa com as leis da *Polis*. Portanto, as punições têm por finalidade melhorar os cidadãos assim como uma dieta melhorar o corpo (NUSSBAUM, 1994, p. 416). Esse argumento é uma boa resposta, pois

próprio filho, o homem virtuoso não irá chorar nem se abater?”. Tais coisas vemos acontecer às mulheres toda vez que uma leve suspeita de perigo as aflige. Os seus deveres, o homem virtuoso cumprirá imperturbado, intrépido; e assim fará o que é digno de um homem. Meu pai será assassinado: irei defendê-lo; foi assassinado: buscarei justiça, porque é necessário, não porque me dói” (SÊNeca, *De Ira*, 1.12.2).

mostra um estoico preocupado com a humanidade sem estar imbuído de raiva. Para Sêneca, essas punições não são em momento algum para infligir dor no infrator, mas para o seu bem-estar, inclusive a própria morte. Essas *analogias médicas* estão por todo o *De Ira*²⁴.

Por conseguinte, o argumento da *analogia médica* de Sêneca nos permite aplicar punições aos infratores sem estar com raiva, mas porque é o certo a se fazer. E o correto é aplicar punição para melhorar a comunidade, assim como um bom médico visa melhorar o paciente. Enquanto que a pessoa iracunda executa punições porque está com raiva, o sábio estoico aplica as punições para que o erro não se repita, ou seja, ele direciona sua punição para melhorar o infrator e a comunidade. Nussbaum (1994), por outro lado, enxerga alguns problemas nesse argumento de Sêneca, já que o sofrimento da vítima não tem valor no contexto geral do crime. Ou seja, um dos problemas centrais da *analogia médica* de Sêneca é desconsiderar o sofrimento da vítima, pois o ato criminoso da pessoa que cometeu o crime perde a sua maldade. E isso afeta diretamente a alma de Novato; o argumento dos excessos da raiva e a *analogia médica* trazem alguns limites, já que o objetivo do diálogo é convencer um interlocutor com preocupações romana.

Sêneca defende, desde o começo do tratado, que o homem não é naturalmente mal/irado (SÊNECA, *De Ira*, 1.6)²⁵; assim como as feras são domadas e domesticadas, o homem também poder ser, portanto, a pessoa que não pune um erro está dando indulgência para a espécie humana. Há na ex-

²⁴ “Como, então? Não é às vezes necessário o castigo?” Por que não? Mas este sem a ira, com base na razão, pois ele não é nocivo, mas medica sob a aparência de ser nocivo. Assim como certas estacas tortas, para que as desentortemos como-las ao fogo, e, depois, de lhes ajustar as cunhas, apartamos forte, não para quebrá-las, mas para estirá-las, assim também é pela dor do corpo e da alma que corrigimos os temperamentos deturpados pelo vícios. Certamente o médico, nos distúrbios mais leves, primeiro tenta não desviar-se muito do hábito cotidiano e procura, com alimentos, porções, exercícios, impor um balanceamento, ele suspende algumas coisas e as corta. Se nem mesmo assim há respostas, proíbe os alimentos e, com a abstinência, alivia o corpo [...] Desse modo, o sábio, sereno e justo diante dos erros, não como inimigo, mas como alguém que corrige os que erram, todo dia sai à rua com esta intenção: “Vão me aparecer muitos que são viciados no vinho, muitos gananciosos, muitos ingratos, muitos avaros, muitos que são acossados pelas fúrias da ambição”. Todas essas coisas ele vai olhar tão benévolo quanto um médico a seus doentes (SÊNECA, *De Ira*, 1.6.2; 2.10).

²⁵ “E eu referirei um argumento de Platão – de fato, em que prejudica servir-nos de bens alheios, daquela parte em que são nossos? -, “o homem virtuoso”, diz ele, “não causa dano”. O Castigo causa dano; portanto, o castigo não se ajusta ao homem virtuoso, e por isso, nem a ira, porque o castigo se ajusta à ira. Se o homem virtuoso não se alegra com o castigo, não se alegrará sequer com essa paixão à qual o castigo serve de prazer; portanto, a ira não é natural” (SÊNECA, *De Ira*, 1.6).

plicação de Sêneca uma tensão entre natureza e seres humanos que surge na necessidade da própria sobrevivência, aquilo que Martha Nussbaum chama de “*pacto da humanidade*”²⁶. A ideia de *oikeiôsis* na tradição estoica nos ajuda a compreender isso que a Nussbaum chama de “*pacto da humanidade*”; a saber, a ética dos estoicos tem um ponto de partida natural, os vícios e virtudes são formados justamente quando nos relacionamos com as coisas, pessoas, e, portanto, o conceito de *oikeiôsis* é central para essa discussão porque Sêneca se fundamenta a partir dele. Em quase todo o diálogo, Sêneca nos lembra a incompatibilidade entre natureza humana e raiva e comportamentos iracundos. Ele faz isso constantemente, usando imagens da história de Roma e algumas *analogias*: “Nem mesmo deve-se julgar que a ira vá conferir algo à grandeza da alma. Com efeito, aquilo não é grandeza, é intumescência. Para corpos inchados por excesso de líquido nocivo, tal doença não é um incremento, mas um excedente maléfico” (SÊNeca, *De Ira*, 1.20). Do outro lado, ele também dá exemplos da manifestação da raiva, do vício, na vida humana²⁷.

Sêneca está seguindo a base central de seu argumento; a negação da naturalidade da raiva e os relatos de penetração do vício na vida privada e pública. Essa base da argumentação é fundamental tanto em Sêneca quanto no estoicismo de forma geral. Como já comentamos anteriormente, a ética estoica parte da natureza; a moralidade, para um estoico, é radicalmente natural, enquanto que os vícios, não. Os estoicos, e Sêneca parte desse argumento central, observam que o impulso natural dos bebês e dos animais é o que explica seus movimentos, ou seja, que os seus movimentos espontâneos se direcionam, desde o princípio, para aquilo que lhes é apropriado. É nesse

²⁶ “Os seres humanos não vêm ao mundo com instintos malignos ou agressivos. Pelo contrário, seus impulsos iniciais são aqueles de amor e concordância. Mas o mundo em que eles habitam é um lugar difícil, que os confronta com ameaças à sua segurança por todos os lados. Se eles permanecem ligados à sua segurança e aos bens externos que os protegem, esse próprio apego ao mundo universal e, em certo sentido, de acordo com a sua primeira natureza, quase certamente conduzirá, no tempo, a agressões que romperão o “pacto de humanidade” (NUSSBAUM, 1994, p. 421, tradução nossa).

²⁷ “Nunca o sábio deixará de sentir ira caso tenha uma vez começado: tudo é repleto de crimes e vícios [...] Por que descrevo casos individuais? Quando vires o fórum lotado de gente, e o Campo de Marte repleto pela afluência da multidão, e o circo em que o público comparece em sua maior parte, saibas disto: ali existem tantos vícios quantos homens [...] Todos somos irrefletidos e imprevidentes, todos somos irresolutos, queixosos, aduladores – por que escondo com palavras tão suaves uma ferida comum? – todos somos mais” (SÊNeca, *De Ira*, 2.8.9; 3.26).

ponto que entendemos o conceito estoico de *oikeiôsis* (BÉNATOUÏL, 2013, p. 119).

Assim, de acordo com o que Bénatouïl nos explicou, esse conceito estoico traz um carácter de autonomia reflexiva para a animalidade. Pois, os animais buscam acima de tudo se conservar, essa é uma preocupação primária dos homens, ao contrário do prazer que é uma preocupação secundária. Dito isto, a constituição inicial do homem é baseada nos mesmos princípios; todos os homens se comportam da mesma maneira, isto é, busca pela a conservação de si mesmos. Em seguida, depois de termos adquirido a razão (*logos*²⁸) é que nossos impulsos passam a ter um trabalho mais sistemático – racional²⁹.

Deste modo, a razão vem como *conditio sine qua non* para nossa deliberação. A condição é “socrática” – como diz Bénatouïl – na medida em que devemos aprender a lidar com cada contexto sem entrar em contradição. Esse processo de apropriação explica, em termos gerais, o que nos capítulos anteriores falamos sobre teoria das emoções no estoicismo, e especificamente em Sêneca, que trata do processo final da teoria da ação estoica (impressão – assentimento – voluntariedade – impulso). Portanto, esse processo demonstra o fundamento naturalista da ética estoica, que desde as primeiras adaptações mostra que nossas ações devem ser guiadas de acordo com a natureza, e entender esse esquema estoico é necessário para esclarecer que o virtuoso é aquele que vive de acordo com a natureza. Bénatouïl cita uma passagem de Cícero que resume esse tema³⁰.

Enfim, a compreensão do *oikeiôsis* e, conseqüentemente da ética estoica como harmonização com a natureza, é importante para prosseguirmos

²⁸ *Logos* aqui é entendido como razão, explicação, discurso.

²⁹ “Mas a constituição natural do homem inclui também - a partir dos 14 anos - razão (*logos*), que vem modelar nossos imúlsos "como um artesão, quer dizer, conferir-lhes os princípios de nossa apropriação animal. Ela articula cada um de nossos impulsos, apresentando-o como "conveniente". é conveniente ter determinada atitude, considerando certo aspecto da situação, certo objetivo e/ou certa norma. Essa racionalização não muda verdadeiramente nosso comportamento, mas nos coloca em oposição de agir comente depois de termos - implícita ou explicitamente - dado nosso assentimento a um conveniente” (BÉNATOUÏL, 2013, p. 120).

³⁰ “Uma vez descobertas essa seleção [de coisas naturais] e essa rejeição [das coisas contra-natureza], o que vem em seguida é uma seleção ligada ao conveniente, contínua e finalmente coerente, em harmonia com a natureza [...]. Uma vez que [o homem] tenha adquirido a inteligência, ou antes, a noção e percebido a ordem, e, por assim dizer, a harmonia das ações a fazer, ele dá mais valor a esta última do que a tudo que havia inicialmente amado[...].” (CÍCERO, *Apud*, BÉNATOUÏL, 2013, p. 120).

com a explicação do “*pacto da humanidade*” que Nussbaum atribui a argumentação de Sêneca. Pois, para conseguirmos entender a argumentação de Sêneca é importante partir desta adaptação de si ou adaptação instintiva (*oikeiôsis*) desenvolvida pela Escola do Pórtico.

Pois bem, essa tensão que Nussbaum menciona entre ser humano e natureza, que ocorre na nossa adaptação de si, é a chave para entender a origem dos vícios. Um mal julgamento das circunstâncias é que origina o erro, o vício, ao contrário da ideia de vício ou mal inato³¹. O rompimento desse “*pacto da humanidade*” (em termos estoicos poderíamos dizer: rompimento da *oikeiôsis*) se caracteriza no momento em que temos um mal julgamento das circunstância, como por exemplo, ficar irado.

Assim, o apego com a vida, para Sêneca, nos afasta da humanidade. Em alguma medida o contato com a vida desenvolve nossa ligação afetiva com ela, nosso afastamento da harmonia com a natureza, e nos tornamos gladiadores no palco do show da vida. Nossa natureza suave e instintiva ao tocar na vida, durante nossa maioridade, se transforma em agressividade e rompe nossos laços naturais. Portanto, com o tempo nos tornamos menos humanos (NUSSBAUM, 1994, p. 422). Nesse sentido, Sêneca vai dizer que o sábio estoico não pode ver agressão e raiva como instrumentos importantes, pois assim ficará irado com tudo que vê³².

Logo, notamos que Sêneca – e Nussbaum considera esse o argumento mais forte dele contra a raiva – diz que a agressão presente e onipotente da raiva provoca injustiças, pois se olharmos continuamente, todos os dias, para a raiva, e darmos uma importância pra ela, então nunca deixaremos de ficar com raiva e assim desenvolveremos um comportamento iracundo que nos levará a loucura: “Se queres que o sábio se enfureça tanto quanto a in-

³¹ “Nascemos nessa condição, expostos a doenças da alma não menos numerosas que as do corpo, seres que não são obtusos ou ineptos, mas que utilizamos mal nossa perspicácia, sendo exemplos de vícios uns para os outros. Alguém que segue os que antes tomaram um mau caminho, como não teria ele desculpa uma vez que se extraviou por uma via coletiva” (SÊNeca, *De Ira*, 2.10.3).

³² “O sábio nunca deixará de ficar zangado, se uma vez começar: pois tudo está cheio de crimes e vícios. Muito mais é feito do que pode ser curado pela contenção. As pessoas competem em uma enorme disputa de maldade. Todos os dias há mais desejo pelo crime e menos vergonha. Deixando de lado todo pensamento para o que é melhor e mais cedo, sua luxúria agora se arremessa aonde que ela queira. Tampouco os crimes são ocultos por mais tempo: eles estão diante de nossos olhos, e a iniquidade tem esse status público e tal força nos corações de toda aquela inocência não é tão rara quanto inexistente” (SÊNeca, *De Ira*, 2.9)

dignação pelos crimes o exige, ele não haveria de enfurecer-se, mas de ensandecer” (SÊNeca, *De Ira*, 2.9.4). Por conseguinte, o argumento forte de Sêneca contra a raiva, é que por mais que essas ofensas pessoais e injustiças públicas sejam motivo para sentir raiva, isso não te deixa insento de trazer consequências pessoais e públicas. Em outras palavras, indignar-se contra uma injustiça - pessoal ou pública - parece ser coerente, todavia, a reação fundamentada na raiva nos transforma também em pessoas injustas e iguais aos infratores³³.

Sêneca entende, portanto, que uma pessoa que reage a cada injúria com raiva, vai ficar semelhante as pessoas iradas até ser levada a loucura, assim como Calígula e Sula³⁴. Ademais, um dos elementos fundamentais da raiva é o rompimento com a pessoa que se torna objeto de ira; a pessoa que está com raiva quer se alimentar dessa mágoa; uma elevação de si mesmo e um rebaixamento do outro, assim o vício se mostra dentro de uma cadeia causal. Deste modo, a filosofia estoica de Sêneca não foge dos problemas humanos, ao contrário, ela mostra que o apego com as emoções, tanto o amor quanto o ódio, nos leva a ter ações ruins, cometer crimes e gerar uma série de eventos violentos em uma cadeia infinita de eventos. Destarte, Novato agora pode compreender que o distanciamento, o desapego que os estoicos aconselham, o estado de *eupatheia*, é a melhor forma para uma vida pública gentil e agradável.

Considerações finais

Parte do caminho que trilhamos neste empreendimento passou pela caracterização estoica da raiva. Mostramos o esquema da teoria das emoções estoica que Sêneca trabalha no *De Ira*, e como, em especial nesta obra, o filósofo faz um adição ou modificação da teoria estoica com a descrição

³³ “A raiva endurece o espírito e o transforma contra a humanidade que vê. E, voltando-se contra a humanidade, ao evidenciar a raiva e o desgosto dos irados, torna-se perigosamente próximo dos tipos cruéis e agressivos que despertam o desgosto. Assim, nos exemplos de Sêneca, encontramos atos de vingança e crueldade horripilantes, cometidos por aqueles cuja ira é, em primeiro lugar, justificada, de acordo com um senso romano comum de justiça” (NUSSBAUM, 1994, p. 422).

³⁴ “Não alimentemos a ira contra filhos de inimigos particulares ou inimigos públicos. Entre os exemplos da crueldade de Sula está o fato de ter banido da república os filhos dos proscritos. Nada é mais injusto do que alguém tornar-se herdeiro do ódio a seu pai” (SÊNeca, *De Ira*, 2.34.3).

das pré-emoções (*propatheiai*), isto é, Sêneca aproveita a teoria estoica de Crísipo em que o assentimento (*sunkatathesis*) é importante para a ação, e melhora essa teoria colocando o aspecto da voluntariedade como determinante para a ação racional. Assim, a partir dessa noção de voluntariedade, Sêneca descreve as ações involuntárias, as pré-paixões; sustos, arrepios, sensações que se manifestam independentemente de nosso assentimento voluntário.

Além disso, Novato aparece no diálogo com intuições aristotélicas de moderação da raiva; Sêneca, ao contrário, mostra para o interlocutor o argumento dos excessos; imagens da história de Roma que mostram figuras importantes sendo levadas a produzir problemas por causa do excesso que a raiva provoca. Sêneca mostra que a virtude é *suficiente*, então não há necessidade de usar a raiva de forma instrumental, já que essa paixão sempre leva ao excesso, sempre transborda e corrompe o homem virtuoso. O outro argumento de Sêneca é o que Martha Nussbaum caracterizou como “analogia médica”; a saber, que para vingar a morte de nossos familiares não é necessário, e nem virtuoso, ter a raiva como *força motriz*; ao contrário disso, agiríamos como médicos, aplicando punições aos ofensores porque é o certo a se fazer; como se fosse um médico cuidando de um corpo doente. Todavia, o argumento mais forte de Sêneca contra a raiva vem a partir da base fundamental da filosofia estoica; a ideia de que nossa moralidade parte da natureza. Essa ideia estoica pode ser entendida a partir da *oikeiôsis*, ou adaptação de si, que na filosofia estoica – e todo o argumento de Sêneca está baseado nesse conceito – é onde a moralidade se fundamenta, onde estamos em harmonia com a natureza, e agir com raiva é um apego com a vida e um afastamento da humanidade. Portanto, Sêneca considera que o iracundo rompe a *oikeiôsis*; a pessoa ao agir a partir da raiva acaba, conseqüentemente, praticando a mesma injustiça que diz combater, e por isso a ação raivosa sempre será uma ação injusta que nos distancia da humanidade.

Referências

ARISTÓTELES. (2009). *Ética a Nicômaco*. Trad. Antônio C. Caieiro São Paulo: Editora Atlas.

BRAICOVICH, R. S. (2015). “*Estrategias terapéuticas e intelectualismo en el De ira de Séneca*”. Bogotá: Ideas y Valores 64.158, p. 85-105.

GOURINAT, JB; BARNES, J. (2013). *Ler os estoicos*. Trad. Paula S.R.C. Silva. São Paulo: Edições Loyola,

INWOOD, Brad. (2005). *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome*. Clarendon Press.

NUSSBAUM, M. C. (1994). *The Therapy of Desire*. Princenton University Press,

PEREIRA, Rafael Rodrigues. (2017). “*Dois Tipos de Ética Teleológica*”. São Paulo: Cadernos de Ética e Filosofia Política, N. 30, p. 35-51.

SÊNECA, L. (2014). *Sobre a ira. Sobre a Tranquilidade da alma*. Tradução, José Eduardo S. Lohner. São Paulo; Companhia das Letras.

SÊNECA. L. A. (2009). *Cartas a Lucílio*. Trad. J.A. Segurado e Campos. Lisboa: Caloste Gulbenkian.